



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXIV nº 1319 - 28/09/2015 a 04/10/2015

Tiragem desta edição 25.000 exemplares

TENDÊNCIAS

O CÂMBIO E O AGRONEGÓCIO

AÇÃO SOCIAL

.....
Agrinho, há 20 anos transformando vidas



FALTAM
221
DIAS PARA O
TÉRMINO DO PRAZO



Aos Leitores

Poucos assuntos foram tão comentados na semana passada quanto a cotação do dólar. Bateu recorde sobre recorde. As causas dessa disparada são várias (fizemos um apanhado delas, que está na página 5), mas não é difícil chegar à razão principal: o descontrole de um governo que perdeu o rumo em questões políticas e econômicas. O problema é que todos nós, no campo e na cidade, precisamos nos adaptar a ele e tomar atitudes que permitam ver um futuro melhor, mesmo que a crise persista. Foi para ajudar você a tomar essas decisões que nós fizemos a reportagem que começa na próxima página. É hora de tomar algumas atitudes na propriedade para melhorar a sua capacidade de sair dessa crise melhor que entrou!

Outro destaque desta edição é o programa Agrinho, a principal iniciativa do Sistema FAEP/SENAR-PR no campo da ação social. Ele está completando 20 anos e é exemplo de projeto educacional, não só no Paraná, mas até para fora do Brasil, conforme atesta a opinião da diretora da Divisão de Ciências da Água e secretaria do Programa Hidrológico Internacional da UNESCO, Blanca Jiménez-Cisneros.

Ainda há reportagens sobre novidades da ciência e da tecnologia na suinocultura, como o uso da tomografia computadorizada para aprimorar o rebanho e o trabalho de um pesquisador da Universidade Estadual de Londrina, Amauri Alfieri, que isolou o vírus causador de uma doença vesicular que atinge suínos.

Boa leitura!

Índice

Tendências	03
Sanidade	06
Avicultura	09
História - Território do Iguaçu	10
Tecnologia	12
Sindicatos	14
Seminários	15
Sucroenergético	16
Agrinho	18
Pesquisa	24
Seguro Rural	26
Notas	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná
Presidente: Agide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Agide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR
Conselho Administrativo | Presidente: Agide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hernely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Peça-se citar a fonte.

Fotos da edição 1318: Fernando Santos, Embrapa, Divulgação e Arquivo FAEP.

Futuro incerto para a soja

Câmbio garante rendimentos dos produtores em cenário de baixos preços, mas custo de produção da próxima safra também sofre efeito da alta do dólar

Por André Amorim



Na semana que passou, a FAEP divulgou um levantamento econômico sobre as perspectivas para a safra de soja 2015/16. No Paraná, segundo maior produtor nacional, a expectativa é um aumento na área plantada de 2%, segundo previsão da Secretaria de Agricultura Pecuária e Abastecimento (Seab), com um aumento na produção de 5%, passando das 16,90 milhões de toneladas colhidas na safra 2014/15 para 17,83 milhões de toneladas.

Essa produção chegará ao mercado no ano que vem em meio a um cenário internacional incerto. Hoje, a oleaginosa é comercializada na Bolsa de Chicago (CBOT) a um dos piores preços internacionais dos últimos tempos, fruto da grande oferta do produto no mercado mundial. Nas primeiras semanas de setembro, a soja era vendida por US\$ 8,66 o bushel, porém, apesar dos baixos preços, o produtor brasileiro garante sua renda devido à variação cambial. Ou seja, paga-se menos pelo grão em dólar, mas quando o preço é convertido em real, o valor acaba compensando e cobrindo os custos de produção. Em um futuro próximo, porém, essa conta pode não fechar mais, uma

vez que a grande maioria dos insumos é importada, portanto tem preços cotados na moeda americana.

Esse fator não teve tanto peso nos custos da soja que está sendo semeada agora, pois muitos produtores adquiriram seus insumos antes da alta do dólar. Segundo dados da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), 80% dos fertilizantes para a safra de verão já haviam sido adquiridos na região de Cascavel e 70% na região de Londrina. Mesmo assim, é estimado um custo operacional 11% maior na produção de soja em agosto de 2015 na comparação do mesmo mês do ano anterior.

A preocupação de muitos analistas é que o produtor compre insumos com o dólar alto para a próxima safra, mas acabe tendo que vender sua produção com o dólar em baixa. Esse seria um dos piores cenários econômicos para o agronegócio brasileiro. Mas que não é descartado pelos observadores.

Segundo o consultor especialista em agronegócio Flávio França Júnior, o preço do dólar em real (que na última quarta-feira era

cotado a R\$ 4,14) ainda não atingiu o patamar máximo. “Ainda não parou de piorar”, avalia ele. Com isso, os preços no mercado interno se descolam do mercado internacional, criando dois mundos diferentes: um mercado externo pressionado pela safra cheia dos EUA e pela expansão da área plantada na América do Sul e um mercado doméstico com o sojicultor favorecido momentaneamente pelo câmbio.

Na visão do especialista, o momento é de instabilidade completa no Brasil, com péssimos indicadores econômicos e uma situação política de incerteza e desconfiança. No caso de uma mudança de governo, o dólar não permaneceria no mesmo patamar. “Esse é o risco de fazer o custo em dólar com o câmbio de agora e em abril, quando for vender, o dólar ter caído”, alerta França Júnior.

Para se proteger, o especialista sugere que o produtor “trave” seus custos e a venda da produção na mesma moeda. Isso pode ser feito através de operações de troca de insumos pelo grão futuro, ou vendendo a soja antecipadamente para garantir o preço.

Buscando eficiência

Outra forma de se proteger é tornando a propriedade mais eficiente, utilizando os recursos de maneira racional para não amargar prejuízos no futuro. É como na fábula da cigarra e da formiga: se aproveitar o bom momento de preços para investir em produtividade e eficiência, quando vierem os tempos de crise, o produtor estará preparado para eles.

Esses cuidados incluem boas práticas como manejo integrado de pragas, estruturação do solo e gestão de mão de obra. Segundo o pesquisador Osmar Conti, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Soja, recentemente foi realizada uma pesquisa em 106 unidades de referência em diversas regiões do Paraná, que demonstrou que a adoção do Manejo Integrado de Pragas (MIP) pode reduzir, em média, três aplicações de inseticida.

“O produtor é meio refém nessa compra de insumos. Ele troca por grãos ou adquire pacotes que às vezes têm um insumo que ele não precisa”, observa Conti. Segundo ele, é preciso avaliar a lavoura, com embasamento técnico, e então levantar aquilo que ele realmente precisa aplicar.

Também é preciso racionalizar o uso de fungicidas, alerta o pesquisador. Neste ano, em que temos ocorrência de El Niño, os casos de ferrugem asiática costumam ser mais numerosos, por conta da umidade maior. Porém, muitos produtos usados no passado não têm tido desempenho satisfatório para combater a doença. Por isso a Embrapa Soja realiza uma avaliação anual destes produtos para se assegurar da sua eficácia e divulga esse resultado em seu site para orientar as aplicações.

Outro ponto em que o trabalho e a atenção podem se reverter em economia para o produtor é o manejo de solo. “Um solo bem estruturado consegue racionalizar o uso da água, então a planta

consegue passar um veranico de 20 dias sem sufoco”, explica o pesquisador Mauro Osaki, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Esalq. “Se o solo estiver bem estruturado, você vai conseguir otimizar esse recurso. É estratégico para melhorar a produtividade”, avalia. Alguns estudos da Embrapa Soja, em Londrina, demonstram uma produtividade de até 15 sacas a mais por hectare quando o solo está bem estruturado.

Este, porém, não é um trabalho para ser iniciado na safra presente, mas sim uma prática que tem que ser incorporada no dia a dia da propriedade. “O momento bom para fazer é quando o preço das commodities está lá em cima, então já deveria ter sido feito há três anos”, afirma Osaki, que também alerta para a adoção de outras boas práticas para conservar o solo, como a rotação de culturas. “Hoje muita gente faz a sucessão de culturas, com soja depois milho, e não a rotação correta. Então tem plantas daninhas e invasoras, como a buva, ganhando resistência”, diz.

Outro ponto que pode fazer toda diferença na gestão racional de uma propriedade é o uso da mão de obra. Na opinião de Osaki hoje muitas propriedades têm uma estrutura inchada e pouco produtiva. “Temos que apostar na capacitação e repensar o que queremos em termos de mão-de-obra”.

	2015/16		2014/15	
	Área mil hectares	Produção mil toneladas	Área mil hectares	Produção mil toneladas
Paraná	5.201	17.834	5.084	16.907
Brasil	32.921	99.809	31.728	95.496

Fonte: Safras e Mercados e SEAB / julho e agosto - 2015

Início comercialização safra 2015/16: agosto 15

Percentual comercializado no PR: 35%

Preço médio recebido pelo produtor no PR (R\$/saca)		Preço Chicago (US\$/bushel)		Câmbio	
ago/15	set/15	ago/15	set/15	ago/15	set/15
63,31	66,05	9,25	8,72	3,516	3,799
ago/14	set/14	ago/14	set/14	ago/14	set/14
56,11	53,38	10,86	9,71	2,268	2,335

Fonte: Safras e Mercados, SEAB, CMA, BC / Elaboração: DTE/FAEP

As razões dessa crise

Por Franco Iacomini

Mas, afinal, como chegamos até esse ponto? Como é que a cotação oficial do dólar pôde ir de R\$ 3,1026, em 30 de junho, até os R\$ 4,1041 de 23 de setembro – uma alta de 32% em menos de três meses?

O preço de uma moeda é definido exatamente da mesma forma que uma mercadoria qualquer – soja ou milho, por exemplo. É a regra da oferta e da demanda. Essa relação está sendo alterada no Brasil por alguns motivos que estão fora do Brasil e muitos que são internos ao nosso país.

No front externo o principal fator é a política monetária dos Estados Unidos. O Banco Central de lá (que é chamado de Federal Reserve) avisou que não vai elevar ainda as taxas de juros. Os títulos do Tesouro dos Estados Unidos são vistos como um investimento de risco zero. Assim, muitos investidores consideram melhor investir nesse tipo de papel do que sair pelo mundo caçando ganhos melhores, correndo o risco de perder o dinheiro em um calote. Esse fator vem fazendo com que o dólar tenha se valorizado em relação a praticamente todas as moedas do mundo nos últimos meses.

Além disso, há a questão chinesa. O governo chinês divulgou no início do mês uma previsão de crescimento do PIB para este ano de 7,3%. Parece muito para os padrões brasileiros, mas para os chineses é uma ninharia – na verdade, o menor índice dos últimos 24 anos. Dependendo do jeito que se faz o cálculo, a China pode ser a primeira ou a segunda maior economia do mundo, e tudo o que ocorre lá tem grande influência sobre todo o planeta. Para o Brasil, então, nem se fala, porque nós exportamos alimentos e minérios em grandes quantidades para o país.

Mas a situação brasileira só chegou aonde chegou por causa dos problemas internos. O governo por aqui andou fazendo muitas barbearagens, que pioraram uma situação que, de outra forma, já seria delicada. Em uma entrevista ao jornal espanhol El País em março deste ano, o ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco antecipava o



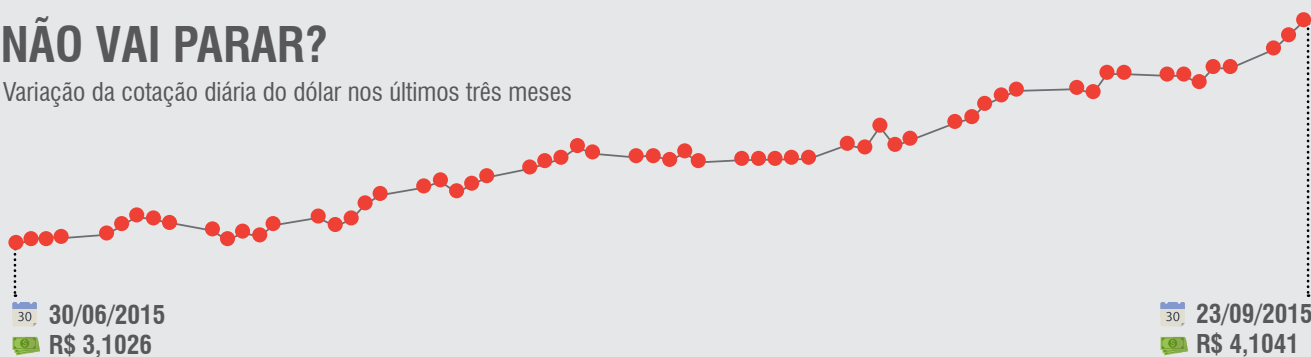
perigo da deterioração dos indicadores brasileiros, e avisava: “É uma absoluta tolice dizer que foi a crise internacional que nos afetou, a nossa está relacionada com medidas macroeconômicas locais equivocadas que deram errado, simples assim”.

Mais recentemente, o governo aprofundou a cova ao enviar ao Congresso um Orçamento que previa déficit de R\$ 30 bilhões no ano que vem. Caso se realize, será o terceiro ano seguido de déficit nas contas públicas. A crise política, com os partidos disputando cargos no governo e colocando obstáculos à aprovação de medidas de ajuste, colabora para que os investidores enxerguem poucas opções de saída para a crise. Por isso as agências de classificação de risco vêm rebaixando o Brasil – na verdade, elas consideram que o país está criando para si próprio uma situação em que há a possibilidade de deixar de pagar compromissos com seus credores estrangeiros.

Com o resultado dessas barbearagens, os investidores tiram o dinheiro do Brasil e levam para países vistos como mais seguros – os Estados Unidos, principalmente. Assim, há menos dólares disponíveis no mercado brasileiro e a cotação sobe.

NÃO VAI PARAR?

Variação da cotação diária do dólar nos últimos três meses



Fonte: Sisbacen PTAX800

Adapar avalia vacinação de brucelose no PR

Relatório parcial indica que o percentual de animais vacinados pode chegar a 90% neste ano

Por Katia Santos



O percentual de vacinação do rebanho paranaense contra brucelose aumentou, de acordo com a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar). A projeção compara os números do primeiro semestre deste ano com os dados do mesmo período de 2014 e apontam um aumento de 47% do índice de vacinação dos animais.

O aumento ocorreu, segundo o diretor-presidente da instituição, Inácio Kroetz, devido a dois fatores. O primeiro é obrigatoriedade de comprovação de vacinação junto à Adapar em fêmeas até

oito meses pelo produtor e a apresentação de dois exames negativos (brucelose/tuberculose) pelos laticínios, a partir da publicação da Portaria nº 344/2013. Além disso, desde 1º de janeiro deste ano cabe ao médico-veterinário responsável comprovar a vacinação, de forma online e diretamente no Cadastro do Produtor e a emissão dos laudos e atestados on-line.

“No campo percebemos que o número de vacinação de brucelose aumentou significativamente. O fato de o veterinário poder

fazer esse registro de forma online facilitou muito o processo. Antes, o produtor até vacinava, mas como o processo era muito burocrático ele acabava não informando”, afirma Eduardo Correa Mota, que é médico-veterinário e atua na bacia leiteira da região Leste do Estado.

Mota é um dos 854 profissionais cadastrados e habilitados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em conjunto com a Adapar, para fazer exames de tuberculose e brucelose. Para conseguir essa habilitação esses profissionais passam por um curso de capacitação, oferecido por universidades, como se fosse uma especialização. Depois devem montar uma infraestrutura para executar os exames. Essa estrutura tem que ser vistoriada e aprovada pela Adapar. Só então o ministério emite a portaria de habilitação ao profissional. Além desses profissionais, a agência tem ainda 2.570 profissionais cadastrados para fazer vacinação contra a brucelose.

Cobrança nos dois lados

O veterinário explica que, sem a comprovação da vacinação de brucelose, o produtor não pode emitir as Guias de Transporte Animal (GTA) e, conseqüentemente, movimentar os animais entre as propriedades e também fica impedido de comercializar com os laticínios ou frigoríficos. “A legislação determina também que os laticínios são obrigados a exigir a comprovação da vacina e dos exames negativos de brucelose e tuberculose de seus fornecedores”.

O produtor rural é obrigado a vacinar contra brucelose as fêmeas com idade de três a oito meses, seja de bovinos de leite ou de corte. A vacina indicada para controle sanitário da brucelose é a B-19.

Caso o produtor perca o prazo previsto em lei, ele é autuado e fica obrigado a vacinar os animais com a vacina RB-51, podendo pagar multa de uma e meia Unidade Padrão Fiscal (em torno de R\$120,00) por animal, além dos custos da vacina e do trabalho do médico-veterinário.

Toda essa legislação faz parte do Programa Estadual de Controle e Erradicação da Brucelose e da Tuberculose (PECEBT), que foi criado em 2002 pelo governo estadual. É importante lembrar que para brucelose existe vacina e o índice de prevalência da doença no Paraná é de 1,73%. Já no caso da tuberculose não existe vacina e o índice de prevalência no Estado é de 0,42%. Quando o índice de prevalência da doença é menor que 1%, o estado deve buscar a erradicação.

Tuberculose

A tuberculose é uma doença que não tem vacina e existem muitas formas do animal ser contaminado: pela água, pela comida, por pessoas doentes, etc. As regras do PNCEBT definem uma indenização ao produtor de 25% do valor do animal, pagos pelos governos federal e estadual.

“Mas o processo é longo e demorado. Como nosso foco era a qualidade do leite, criamos um novo modelo de indenização, em que o governo do Estado paga com recursos próprios um valor que incentiva o produtor a fazer o exame. Em caso positivo, encaminha-se o animal para o abate, substituindo-o mais rapidamente”, comenta Kroetz.

Na seqüência, continua o diretor-presidente, veio a resposta do produtor com o registro de picos de realização de exames



de tuberculose. “Temos registros que chegaram a serem realizados 244 mil testes/mês. Em anos anteriores essa média mensal era de 35 mil”, afirma.

Desde 2014, as regras para essas indenizações (segundo a resolução nº 02, de 30/01/2014) preveem que o cálculo da indenização considerará um rendimento de 50% do peso vivo, em arrobas do animal sacrificado, multiplicado por 70% do preço da arroba do boi gordo para abate divulgado pelo Departamento de Economia Rural (Deral)/Secretaria da Agricultura e Absatecimento (Seab).

De 31 de janeiro de 2014 a agosto de 2015 o valor total das indenizações pagas aos produtores foi de R\$3.038.228,00 e foram sacrificados 2.856 animais. Os recursos para indenizar os produtores rurais são do Fundo de Equipamento Agropecuário do Paraná (Feap).

Apesar da adesão dos laticínios e produtores, o diretor-presidente da Adapar alerta: “O processo de erradicação, principalmente da tuberculose, leva tempo. Não conseguimos isso de um ano para outro, estamos falando de cinco anos pra frente. Tanto a brucelose como a tuberculose são doenças recorrentes. A bactéria fica no ambiente da propriedade, e há o risco de ela entrar de novo, através de vários vetores ou até mesmo da água”, completa.

ÍNDICE DE VACINAÇÃO CONTRA A BRUCELOSE BOVINA NO ESTADO DO PARANÁ PÉRIODO ENTRE 2001 e 2014

Ano	Índice Vacinal Animais	Bezerras Vacinadas	Índice Vacinal Propriedades	Propriedades c/ Vacinação
2001	3%	66.746	-x-	
2002*	6%	95.999	-x-	
2003	13%	205.203	16%	48.793
2004	57%	674.471	26%	59.233
2005	53%	611.934	27%	64.211
2006	55%	601.993	31%	79.510
2007	56%	584.725	27%	65.479
2008	67%	674.257	38%	79.476
2009	63%	652.953	56%	80.333
2010	64%	662.622	47%	106.479
2011	56%	600.135	37%	76.885
2012	61%	676.584	48%	88.394
2013	62%	692.271	51%	91.034
2014	68%	663.330	48%	88.735
2015 Parcial	47%	486.848	45%	53.280
**				

Fonte: ADAPAR/2015 - Obs: (*) Início do Programa Estadual de Controle e Erradicação da brucelose e da Tuberculose Animal - (**) Dados referentes ao primeiro semestre/2015

Sudoeste e Oeste



Nilson de Freitas confirma o aumento de vacinação contra brucelose no campo

Nas regiões de Francisco Beltrão (Sudoeste, 1.095.843 litros) e Toledo (Oeste, 1.037.799 litros – dados IBGE 2013), que são respectivamente as maiores bacias leiteiras do Paraná, os técnicos fiscalizam as propriedades confirmam o aumento do índice de vacinação de brucelose e exames de Tuberculose.

Em Toledo, o médico-veterinário da Adapar Nilson de Freitas Gouveia, que atua na fiscalização de propriedades e laticínios nos municípios de Marechal Cândido Rondon, Mercedes e Quatro Pontes desde 2011, confirma o incremento da vacinação da brucelose. “Quando cheguei aqui o percentual de vacinação era de 30%, esse ano vai atingir 80%. São cerca de 80 mil animais, em aproximadamente, 3 mil propriedades”, afirma.

Por ser uma região de fronteira, Gouveia, que também participa do Conselho Municipal de Sanidade Agropecuária (CSA), explica que o trabalho de fiscalização é feito por ele e outro técnico. “Como a região possui um grande número de bovinos, suínos, aves e ovinos em circulação e está próxima a fronteira, os cuidados com o serviço veterinário têm que ser dobrados”, diz.

No escritório da Adapar em Francisco Beltrão, o médico-veterinário Fabio Gonçalves, que atua na fiscalização das propriedades desde 2008 confirma que as alterações nos procedimentos de informação e da emissão da GTA sem nenhuma pendência na propriedade contribuíram muito para o aumento da vacinação nos animais. Gonçalves trabalha em conjunto com mais dois veterinários e três técnicos nos municípios de Francisco Beltrão, Marmeleiro e Renascença, que reúnem 4,5 mil propriedades e um rebanho de cerca de 91 mil cabeças.

“Nossa estimativa é que o índice de vacinação contra a brucelose no Paraná chegue a 90% até o fim do ano, o que é um crescimento muito bom”, finaliza a médica-veterinária e coordenadora do PECEBT, Mariza Koloda, da Adapar.

Comissão de Avicultura se reúne em Curitiba

Com objetivo de atualizar as lideranças do Estado sobre a conjuntura da produção e debater temas relevantes, o grupo encontrou-se na última segunda-feira (21)



geração de energia na própria propriedade rural, captando energia solar, eólica, ou gerada a partir da queima da biomassa.

Influenza e compartimentação

Outra palestra foi a do médico veterinário sanitário da BRF e coordenador do Comitê Estadual de Sanidade Avícola (Conesa) Humberto Cury, que discorreu sobre a situação mundial da influenza aviária, enfatizando as recomendações de prevenção e controle da doença. Segundo ele, o impacto de um surto da doença no Brasil, maior exportador mundial de aves, seria a “visão do caos”. Os impactos econômicos incluem a paralisação imediata nas exportações, redução na produção, falência de empresas e uma série de consequências sociais.

“Hoje, se houvesse um caso de influenza aviária no Pará, o Paraná seria afetado”, explica Cury. Segundo ele, isso aconteceria porque o Brasil, diferente dos Estados Unidos, onde houve um surto da doença este ano, não tem unidades de produção no sistema de compartimentação, em que todo processo de entrada de insumos é controlado, permitindo o rastreamento sanitário de toda cadeia.

Sobre este tema, a fiscal federal agropecuária Juliana Bressan, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) apresentou uma palestra sobre o programa nacional de compartimentação avícola. Segundo ela, no Paraná não há ainda nenhum projeto para adoção do modelo de compartimentação em andamento. Na opinião dos integrantes da comissão, são as agroindústrias que devem tomar a iniciativa de implementar este sistema. “Às lideranças aqui presentes cabe puxar este tema, cobrar das integradoras que esse tema avance”, pontuou o presidente da Comissão, Amarildo Brustolin.

Outro tema tratado pela Copel na reunião foi o potencial para

A pauta da reunião trouxe dois temas centrais para a produção avícola do Paraná: o fornecimento de energia elétrica para os aviários e a questão sanitária que envolve a prevenção da influenza aviária, tendo a compartimentação das unidades produtoras como melhor medida.

Na ocasião, representando a Companhia Paranaense de Energia (Copel) o analista Paulo Ritter Gomes apresentou o programa Mais Clic Rural, que envolve uma série de medidas para melhorar a qualidade das ligações elétricas no Estado. A avicultura, ao lado da suinocultura e da fomicultura, sofre com os problemas na distribuição de energia, como quedas e oscilações.

Com ajuda da FAEP, a Copel identificou, em abril deste ano, as atividades mais sensíveis às falhas no fornecimento e as regiões que demandam mais investimentos para eliminar estes gargalos. No último dia 27 de agosto, o governo do Estado anunciou um investimento de R\$ 500 milhões no Mais Clic Rural. As obras para melhorar a qualidade do fornecimento de energia devem ser realizadas entre 2016 e 2018.

Outro tema tratado pela Copel na reunião foi o potencial para

O limite do Paraná

Houve um tempo em que parte do Paraná não era Paraná. Entre 1943 e 1946, cerca de um quarto da área do estado foi transformado em uma unidade separada, o Território Federal do Iguazu. Você conhece esse pedacinho da História?



A divisão territorial brasileira estava envolvida em polêmica desde os anos 1920. Intelectuais e políticos questionavam os limites dos Estados, muitos deles herdados do tempo das capitânias hereditárias. Reclamava-se que havia Estados muito grandes, como Amazonas e Pará, e outros pequenos, como Sergipe e Alagoas. Além disso, a Segunda Guerra Mundial despertava preocupações com a segurança. Pressionado por essas duas questões, o presidente Getúlio Vargas tomou uma medida extrema: mexeu no mapa do Brasil. A primeira medida foi a criação de um território federal (uma porção desmembrada dos Estados, que passaria a responder diretamente à Presidência da República, com governadores nomeados e autonomia limitada), englobando o arquipélago de Fernando de Noronha e outras ilhas oceânicas, em 1942. Havia a preocupação de que esses pontos, distantes da costa e vulneráveis a ações militares, pudessem ser ocupadas pelos alemães e usadas para apoiar ataques à América do Sul.

Ao todo, Getúlio criou seis territórios federais. Três deles fo-

ram transformados posteriormente em Estados existentes até hoje – Guaporé, atual Rondônia; Rio Branco, atual Roraima; e Amapá. Outros três foram reincorporados: Fernando de Noronha hoje faz parte de Pernambuco; Ponta Porã compõe o Mato Grosso do Sul e o território do Iguazu foi devolvido aos seus antigos donos, Paraná e Santa Catarina.

Diferentemente do que ocorria com Fernando de Noronha, nas fronteiras do Sul o inimigo não era alemão, mas argentino. E a preocupação era antiga. Nas últimas décadas do século 19, poucos eram os brasileiros que se arriscavam a povoar o então longínquo Oeste paranaense. A Argentina, que já dispunha de uma

razoável infraestrutura na província vizinha de Misiones, exercia domínio econômico no comércio e na pecuária na região. Pelo lado brasileiro, o agrupamento urbano mais próximo era Guarapuava, a mais de 300 quilômetros de distância da fronteira. Os argentinos passaram a reivindicar, então, a posse da região. Foi a chamada Questão de Palmas, um dos conflitos territoriais em que o Brasil se envolveu na virada do século passado. Um acordo foi atingido em 1895, sob a mediação do então presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland – está aí a origem do nome do município de Clevelândia, no Sudoeste, que foi um dos quatro municípios originais do território do Iguazu.

O tempo passou, e nem a beleza das quedas d'água de Foz do Iguazu e Guaira (as Sete Quedas, destruídas com a criação do lago de Itaipu) era suficiente para atrair colonos para a região.

Para quem via o Oeste abandonado e correndo o risco de ser explorado por uma nação vizinha, fazia todo sentido fazer um esforço para ocupá-lo. O governo Vargas estimulou a “Marcha para o Oeste”, com o objetivo de aumentar a presença



Casas recém-construídas para as autoridades do território

brasileira na região e garantir o domínio brasileiro. A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro criou uma comissão para tratar da questão da divisão territorial brasileira e recomendou a criação de uma área abrangendo o Oeste do Paraná e de Santa Catarina. O governo federal transformou a recomendação em decreto-lei em setembro de 1943.

A escolha da capital foi uma questão à parte. O decreto que criou o território, em 13 de setembro de 1943, não mencionava nada a respeito. Oito dias depois, um novo decreto-lei definia que a capital do Território do Iguacu – ou Iguassú, como se escrevia na época – seria a cidade “de igual nome”. O problema é que não existia na região nenhuma cidade chamada Iguacu. Em Foz do Iguacu a notícia foi comemorada, pois se acreditava que esta seria a cidade escolhida. Em maio do ano seguinte, entretanto, um novo decreto-lei separou o distrito Laranjeiras, até então parte de Guarapuava, e transformou-o em capital da

nova unidade da Federação. “Tal mudança é atribuída a boa localização geográfica, da então Colônia Malet, como era conhecida na época a pequena vila que entrou para a história do Brasil como a menor capital do país. Os seus poucos habitantes da época se orgulhavam pelo fato de serem vizinhos do governador e dos funcionários que constituíam a burocracia estatal iguaçuense”, escreveu o jornalista laranjeirense Luiz Roberto Almeida.

Com o fim da ditadura do Estado Novo e a redemocratização, acabava a aventura “independente” do Oeste do Paraná. A Constituição de 1946 devolveu a região Oeste ao mapa do Paraná. No ano seguinte, a antiga capital mudou de nome, passando a chamar-se Laranjeiras do Sul. Quem passa por lá hoje encontra poucas lembranças dessa época. A principal é a antiga residência do secretário geral do governador, construída em madeira, que foi reformada recentemente e hoje abriga a Casa da Memória.



Entre as casas, aquela destinada ao secretário-geral hoje é a Casa da Memória de Laranjeiras do Sul

Tomografia computadorizada na seleção de suínos

Procedimento é usado pelas empresas líderes de mercado em melhoramento genético de suínos

Por Katia Santos



Os exames são realizados na Noruega

Os milhares de imigrantes que colonizaram o Oeste do Paraná a partir da década de 20 trouxeram na bagagem muita determinação e alguns suínos para garantir o sustento das famílias. Naquela época, nem imaginavam o quanto a tecnologia iria avançar e aprimorar o processo de produção desses animais. O exemplo mais recente é a Tomografia Computadorizada (TC) em larga escala, que está sendo usada pelas empresas que trabalham com melhoramento genético.

O pesquisador Elsie Antônio Pereira de Figueiredo, que formou-se doutor em reprodução animal nos Estados Unidos e é pesquisador Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Suínos e Aves), avalia que essa ferramenta é uma tendência no mercado de melhoramento genético.

“É um avanço e uma inovação. Um dos benefícios do uso

da TC na seleção de reprodutores é a geração de descendentes menos propícios a distúrbios estruturais e orgânicos. Conseqüentemente, esses reprodutores irão gerar animais mais saudáveis que proporcionarão maior rentabilidade ao suinocultor. Eu acredito que esse processo vai auxiliar muito no bem-estar dos animais durante a engorda e na redução das condenações no abatedouro”, diz Figueiredo.

O pesquisador explica que o processo de seleção de um animal para o melhoramento genético leva em média seis meses a partir do nascimento. Segundo ele, o animal é avaliado em relação a quatro aspectos globais: desempenho; rendimento e qualidade da carne; constituição orgânica e física; e capacidade de reprodução. Em relação ao desempenho, ao rendimento e qualidade da carne que o animal vai produzir são avaliadas cinco características:

- Ganho de peso x tempo;
- Consumo de ração x eficiência alimentar.
- Espessura de toucinho;
- Espessura e área do músculo do lombo;
- Marmorização da carne (relação gordura x carne);

Na constituição física e capacidade de reprodução, nas fêmeas os especialistas analisam: formação óssea; aprumos, conformação, cascos; linha do úbere; número de tetas; aparelho reprodutor (vulva) e idade ao primeiro cio; idade em que pariu; quantos leitões vivos nasceram; quantos desmamaram; qual o peso total de toda a leitegada; qual o pelo total dos leitões desmamados e qual o intervalo entre a desmama e o próximo cio da porca. Nos suínos machos se avaliam aprumos, conformação, cascos, testículos; pênis e volume de produção de sêmen. Em todos os animais testados se avalia a capacidade e habilidade de locomoção para identificar possíveis lesões das patas e articulações. Tudo isso nos primeiros 12 meses de vida.

Avaliação mais aprofundada

A TC possibilita a avaliação do animal com mais profundidade, principalmente em relação aos aspectos de qualidade de carcaça e constituição óssea, possibilitando a prevenção de doenças relacionadas com a estrutura óssea como, por exemplo, a osteocondrose (uma doença que causa degeneração da cartilagem comprometendo o sistema locomotor causando dor e afetando o potencial produtivo do animal). A informação é do médico-veterinário e geneticista Éverton Ferreira da Silva, que trabalha no Núcleo de Reprodução de Guarapuava da Topigs Norsvin, empresa de origem europeia que atua no segmento de melhoramento genético.

Para o geneticista outra vantagem da TC nos suínos é a possibilidade de avaliação dos animais ainda vivos, com muito mais qualidade e precisão quando comparada aos métodos anteriormente utilizados. “Na maioria das avaliações feitas atualmente são utilizados equipamentos de ultrassom convencionais e também são coletadas informações após o abate do animal. Um dos principais objetivos da tomografia é fornecer informações mais completas e precisas ao programa de melhoramento, possibilitando estimativas mais acuradas dos valores genéticos dos animais, proporcionando resultados positivos aos produtores lá na ponta nas granjas”, diz.

A central de testagem da empresa onde são feitas as TC funciona na Noruega. “A tomografia permite também a avaliação das estruturas ósseas, isso aprofunda o processo de seleção de animais mais robustos, com menor propensão a doenças, menor incidência de problemas ósseos, articulações e lesões nos cascos o que favorece um resultado produtivo. A seleção possibilita que às fêmeas apresentem um número maior de partos com uma quantidade maior de leitões durante sua vida reprodutiva”, conta.

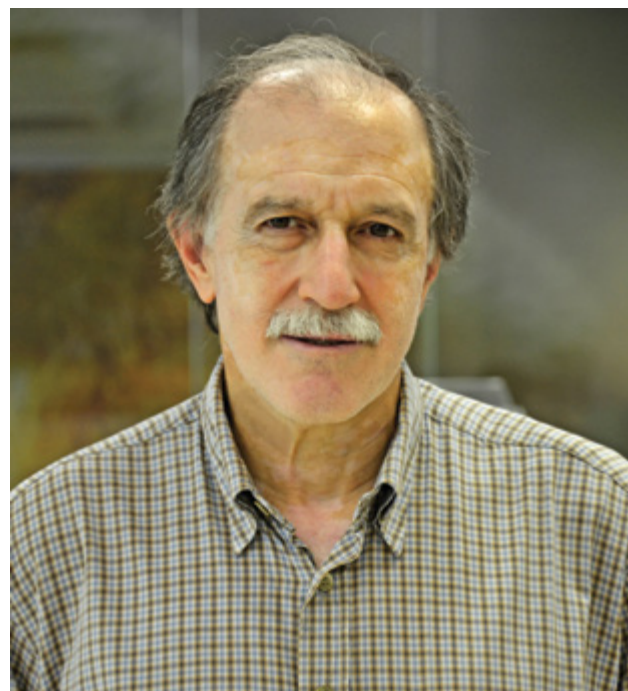
Silva informa que atualmente as tomografias estão sendo feitas apenas em machos, pela responsabilidade reprodutiva que eles têm em relação às fêmeas. Os exames são feitos com o animal anestesiado e acontecem no final da fase de testagem do animal quando ele está com 180 dias de vida.

Já no Brasil

Animais descendentes de linhagem que passaram por essa avaliação já estão no Brasil. No primeiro semestre desse ano chegaram ao país alguns lotes de reprodutores, machos e fêmeas.

Ao chegarem ao Brasil os animais passam por um período de quarentena na Estação Quarentenária do Ministério da Agricultura, Abastecimento e Pecuária (MAPA), no litoral paulista. Após esse prazo os suínos são distribuídos em três núcleos de reprodução: Paraná (Guarapuava), São Paulo e Santa Catarina. O geneticista conta que para o controle sanitário, após a quarentena oficial, os animais passam ainda por outro período de isolamento, para só então, após a realização de novos exames, serem introduzidos nos núcleos.

A empresa norueguesa Norsvin iniciou os primeiros trabalhos com uso de tomografia computadorizada há mais de 30 anos, mas foram nos últimos sete anos que essa tecnologia passou a ser utilizada em escala na Estação de Testagem da Noruega. Lá são examinados toda semana aproximadamente 70 machos, sendo obtidas mais de 1.000 imagens de cada animal, totalizando mais de 75.000 imagens/semana. Mais de 20.000 animais já foram escaneados e as informações estão acumuladas no banco de dados.



Elsio, da Embrapa: “É um avanço e uma inovação”

Revitalização em Terra Roxa

Há oito anos um grupo de produtores rurais iniciou o trabalho de recuperação do Sindicato Rural



Vagner José da Silva, em frente aos espaços comerciais construídos pelo sindicato

Com o caixa negativo e em vias de ver o patrimônio ir a leilão por falta de pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), em 2007, um grupo de produtores rurais de Terra Roxa resolveu se unir e recuperar o sindicato rural. As primeiras ações foram a organização de uma junta governativa, o agendamento de eleições para a diretoria e a renegociação das dívidas com os credores. Em abril de 2008 a nova diretoria foi empossada, tendo como presidente Vagner José Rodrigues da Silva, que está agora na sua terceira gestão.

“Reestruturar um sindicato não é uma tarefa fácil. A nossa sorte foi encontrar um grupo que teve e tem o mesmo objetivo – tornar o sindicato rural sustentável e forte. Assim seguimos juntos”, afirma Silva.

Após a eleição, a nova diretoria avaliou a situação e definiu uma estratégia para, além de sanar as dívidas, criar uma fonte de renda para manutenção da instituição. Ficou definida a construção de dois espaços comerciais para locação. Ao mesmo tempo, para não perder os bens que o sindicato possuía, a diretoria fez uma ‘vaquinha’ para pagar os impostos atrasados e manter o patrimônio. Após cinco anos de construção, as salas comerciais foram concluídas totalizando uma área construída de 1.200 m².

“Nossa meta era tornar o sindicato sustentável. Tivemos

que criar essa alternativa, pois sem atuação os produtores se afastaram e não havia meio de organizar o caixa sem um fluxo contínuo de arrecadação. Quando assumimos, o sindicato tinha apenas 16 associados. Não havia dinheiro nem pagar as contas de luz e água”, revela o presidente.

Silva lembra que outro fato que ajudou os produtores a terem clareza de meta foi o curso Desenvolvimento Sindical, oferecido pelo SENAR-PR. “O curso nos ajudou e entender que precisaríamos de uma boa infraestrutura para atrair novos sócios”, diz.

Nova sede

Com 46 anos de existência, atualmente o sindicato conta cerca de 50 sócios e dois funcionários. E as áreas comerciais estão locadas para instituições financeiras e para a prefeitura.

e para a prefeitura.

Com o equilíbrio financeiro, o sindicato atua para levantar uma nova sede, no mesmo terreno do prédio atual. A sede reformulada terá área de 600 m², capaz de abrigar novos serviços aos produtores rurais, com espaços exclusivos para cursos do SENAR-PR, cozinha industrial e um auditório para 150 pessoas. Hoje, funcionando em instalações adaptadas, o sindicato consegue realizar dois cursos por mês e, para isso, mantém parcerias com a prefeitura, Banco do Brasil, e as cooperativas C. Vale e Riedi. “Temos que ter uma estrutura para oferecer mais serviços e cursos aos associados. Contamos com o apoio do Sistema FAEP, que é o nosso alicerce, principalmente na questão da invasão de terras por índios que tem tirado o sono de muitos produtores do município e região”, comenta o líder sindical.

O produtor rural Altair Donizete de Pádua, 54 anos, que participou do processo de reativação do sindicato, fala do valor da instituição para a categoria: “É o sindicato que nos representa. Pode ser o maior produtor do Estado, ele sozinho não representa nada, por isso precisamos de um sindicato forte, atuante e representativo. Nasci em Terra Roxa e tive a oportunidade de conviver com uma instituição forte, por isso trabalhei para recuperarmos essa união”, afirma.

Plano Integrado de Desenvolvimento da Bovinocultura de Corte



Cento e cinquenta pessoas participaram do primeiro seminário regional para apresentação do Plano Integrado de Desenvolvimento da Bovinocultura de Corte, no último dia 18 de setembro, em Paranavaí.

“Além de podermos detalhar as diretrizes do Plano, durante o encontro conseguimos consolidar um comitê gestor regional, um Fórum Permanente de discussão dos entraves da cadeia e agregação de demandas do setor”, explica Rodolpho Luiz Werneck Botelho, presidente da Comissão de Bovinocultura de Corte da FAEP e coordenador do Comitê Gestor do Plano.

A programação incluiu mesa redonda com esclarecimentos sobre as inovações tecnológicas, visando o desenvolvimento de qualidade da pecuária e da agricultura no Paraná. “O objetivo é encurtarmos um pouco mais o tempo de criação, mexendo em todos os índices como natalidade, mortalidade, taxa de fertilidade, ganho de peso e idade média de abate, para gente poder produzir uma carne mais jovem e fundamentalmente com mais quilos por ano, e isso passa, necessariamente, por bons investimentos e uma visão não só de pecuária como também de agricultura, como sistemas de alimentação com pastagem e de alimentação de qualidade”, comentou o secretário da Agricultura e do Abastecimento, Norberto Ortigara.

O seminário foi realizado no Centro de Eventos do Campus

da Unespar Paranavaí, e teve a presença do prefeito de Paranavaí, Rogério Lorenzetti, do presidente da Adapar, Inácio Afonso Kroetz, do presidente da Emater, Rubens Niederheitmann, além de outras lideranças e pecuaristas.

O prefeito do município, Rogério Lorenzetti elogiou a ação e a participação da iniciativa privada. “A nossa região, segundo levantamento feito pelo Estado, é a segunda do Paraná em termos de rebanho. Por esse motivo precisa utilizar tecnologia de ponta. Neste sentido, esses seminários de divulgação do conhecimento são fundamentais para melhorarmos nossos índices pecuários”, afirmou.

Depois do encontro os participantes fizeram uma visita técnica ao lapar para conhecimento dos programas de Irrigação de Pastagens e Irrigação de Lavoura Pecuária.

A realização é do governo do Estado do Paraná, por meio da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (Seab) e o Sistema FAEP, em conjunto com os demais parceiros.

Veja a programação para os próximos seminários regionais

Ponta Grossa	30/09 - 14h00	Associação dos Engenheiros Agrônomos dos Campos Gerais R. Julia Wanderley, nº 1376
Guarapuava	06/10 - 14h00	Arquitetado do Sindicato Rural de Guarapuava R. Afonso Botelho, nº 58 - Trianon
Laranjeiras do Sul	07/10 - 9h00	Auditório do Sindicato Rural de Laranjeiras do Sul Rua Sete de Setembro nº 2160 - Centro
Cascavel	14/10 - 14h00	Auditório do Sindicato Rural de Cascavel R. Paraná, nº 3937
Umuarama	15/10 - 9h00	Auditório do Sindicato Rural de Umuarama Av. Brasil, nº 3547
Cidade Gaúcha	15/10 - 15h00	Auditório do Sindicato Rural de Cidade Gaúcha R. Mario Ribeiro Borges, nº 3096
Campo Mourão	16/10 - 9h00	Auditório do Sindicato Rural de Campo Mourão Av. Irmãos Pereira, nº 963 - 2º andar

BNDES apresenta linhas de financiamento para cana na FAEP

Três programas vão garantir recursos para a próxima safra



O BNDES divulgou na quinta-feira (24), na sede da FAEP, as normas das linhas de crédito para financiamento da produção de cana-de-açúcar durante reunião do Programa de Reativação do Setor Sucroenergético, que, dentro do contexto de restrição, é uma vitória que atende demanda do setor apresentada durante reunião no Rio de Janeiro, em agosto.

O chefe do Departamento de Biocombustíveis do BNDES, Carlos Eduardo Cavalcanti, anunciou que o Programa de Apoio à Renovação e Implantação de Novos Canaviais (Prorenova

2015) tem volume de recursos de R\$ 1,5 bilhão, queda de R\$ 500 milhões em relação a 2014.

Apesar da redução de recursos, conquistou-se a manutenção do teto de financiamento de R\$ 150 milhões por grupo econômico, sendo R\$ 20 milhões com correção pela TJLP. O valor que exceder esse limite será corrigido pela taxa Selic.

Houve também aumento no valor financiável por hectare de cana-de-açúcar, que passou para R\$ 7 mil. O prazo de contratação vai até 31 de dezembro de 2015.

Considerando a atual crise econômica, os representantes do setor que participaram da reunião se mostram satisfeitos com o resultado, concordando que, além de ações paliativas que permitam contornar a conjuntura atual, são necessárias medidas que promovam uma transformação estrutural do sistema produtivo agrícola e industrial. Ou seja, uma agenda de inovação.

“É com investimento, parceria do BNDES, dos agentes financeiros, do governo do Estado e do setor produtivo que conseguiremos somar forças e conseguir soluções para melhorar as condições de produção, aproveitar o bagaço e a palha da cana-de-açúcar, reativando o setor. Só assim faremos a travessia nesse momento de crise”, afirmou o presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette.

É o que o setor tem buscado com a adoção de uma série de ações, como o projeto da FAEP que prevê a produção de energia de biomassa, a partir da queima da palha da cana, que foi levado ao BNDES pelo governo do Paraná. O projeto é resultado do programa de reativação do setor elaborado em conjunto pela FAEP e pela Associação dos Produtores de Bioenergia do Paraná (Alcopar).

Progeren

O superintendente da área industrial do BNDES, Maurício dos Santos Neves, explicou que a linha de capital de giro Progeren (Programa do BNDES de Apoio ao Fortalecimento da Capacidade de Geração de Emprego e Renda), que é aberto para todos os segmentos industriais, teve um limite extra para o setor sucroalcooleiro como resposta a uma necessidade colocada de renegociação de dívidas. “No período de crise que deve durar mais de um ano isso permitirá que o setor faça a travessia. Temos que buscar outros caminhos para trilhar”, disse.

O limite de financiamento por grupo econômico que é de até R\$ 70 milhões, e para o setor sucroalcooleiro foi anunciado R\$ 130 milhões. Os recursos poderão ser tomados ao prazo de até 60 meses, com carência de até 24 meses e taxa Selic. “Essa foi a resposta possível que tentamos dar respaldados no diagnóstico que nos foi levado”, afirmou Santos Neves.

PASS

O Programa BNDES de financiamento para a estocagem de etanol também disponibilizará R\$ 2 bilhões, mantendo o mesmo limite do ano passado. A alteração

novamente ocorre na taxa de juros que será 25% TJLP + 75% Referenciais de Mercado (RM). Os valores de referência do etanol anidro e hidratado se mantiveram em R\$ 1,50 e R\$ 1,35, respectivamente.

Durante a reunião, o secretário de Planejamento do Paraná, Silvio Barros, lembrou as medidas, já formalizadas em decreto, para recuperação e fortalecimento do setor sucroenergético do Estado. O decreto instituiu o Programa de Reativação da Expansão do Setor Sucroalcooleiro, com medidas para estimular o aumento do plantio e da produtividade dos canaviais, com incentivos fiscais e melhoria da infraestrutura e logística das estradas paranaenses.

O engenheiro José Spinello, da Copel, mostrou os potenciais exportadores de energia do Estado e o empenho da companhia em buscar alternativas e soluções que possam viabilizar a conexão das usinas produtoras de energia, de forma atender os interesses da região, dos investidores e da sociedade em geral.

O engenheiro Arthur Padovani, consultor da FAEP, apresentou a avaliação do potencial de acréscimo de excedentes de energia elétrica da agroindústria da cana-de-açúcar no Paraná.

No Paraná, a cana-de-açúcar é cultivada em 640 mil hectares em 154 municípios e representa 9% da área plantada no Estado. Participaram da reunião representantes da Alcopar, secretarias de Planejamento, Fazenda, Infraestrutura e Logística, Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Copel e do sistema financeiro.



Maurício dos Santos Neves: recursos para o setor atravessar a crise

AGRiNHO

2015

**DAS ENERGIAS QUE MOVEM O PLANETA,
A MAIS IMPORTANTE É A SUA.**



Uma ferramenta de transformação

Agrinho chega aos 20 anos com o fôlego de um pré-adolescente

Em uma escola no município de Balsa Nova, na Região Metropolitana de Curitiba, o comportamento retraído de um dos alunos chamou a atenção da professora. Conversando com o menino, a professora descobriu a razão de sua frustração: estava chateado porque os móveis novos para seu quarto foram arranhados. O sonho havia sido frustrado pela montagem, que danificou a mobília, e agora não havia como consertá-la.

A professora, então, questionou se os pais do aluno conheciam o Departamento Estadual de Proteção e Defesa ao Consumidor (Procon), criado justamente para defender os direitos do consumidor. A resposta veio no dia seguinte: os pais conheciam a instituição, mas o serviço só estava disponível no escritório central do órgão, localizado na capital. Em Balsa Nova não havia a quem recorrer.

Essa realidade levou a professora definir os direitos do consumidor como tema de seu projeto com o Programa Agrinho. Ela envolveu os alunos e conseguiu o apoio da comunidade escolar, de veículos de comunicação e autoridades locais. “A professora não conseguiu que o governo abrisse um escritório do Procon em Balsa Nova, mas a mobilização resultou na criação de um escritório na cidade vizinha de Campo Largo”, relata Josimeire Aparecida Grein, pedagoga e técnica do SENAR-PR. A distância para reclamar os direitos do consumidor diminuiu de 60 quilômetros (de Balsa Nova a Curitiba) para pouco mais de 20 quilômetros (Balsa Nova a Campo Largo).

Josimeire conhece bem o caso porque ele foi desenvolvido no âmbito do Programa Agrinho, o maior programa de responsabilidade socioambiental do sistema FAEP/SENAR-PR. Trata-se de um exemplo bem concreto de como é possível transformar a realidade de uma comunidade a partir de ações educacionais e de um currículo voltado para o dia a dia. Com o Agrinho, os professores recebem um material pedagógico com embasamento teórico que contribui com técnicas de trabalho no processo de aprendizagem em sala de aula. O material é desenvolvido por professores universitários especializados no

tema proposto. São conteúdos que devem ser integrados as disciplinas convencionais possibilitando a relação entre os conhecimentos teóricos com a prática – questões do cotidiano e de cidadania em sala de aula.

O grande objetivo é desenvolver ações que despertam a consciência de cidadania e a sustentabilidade com os temas saúde, cultura, ética, trabalho e consumo e preservação do meio ambiente. “Queremos estimular o uso de uma metodologia de produção do conhecimento em que o professor assume um novo papel, de tutor e orientador dessa construção”, define o superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto. Pelo que se vê da experiência de Balsa Nova, está dando certo.

Uma história de sucesso

O sucesso espelha uma história de esforços na busca pela qualidade e pela relevância. O Programa Agrinho começou em 1995, uma época em que uma das grandes preocupações no campo era o mau uso de agroquímicos, que vinha resultando em problemas de saúde pública pelo Estado. Não bastava fazer campanhas publicitárias ou distribuir material educativo: era preciso trabalhar a educação ambiental para obter resultados de longo prazo. Por isso a FAEP e o SENAR-PR decidiram investir em uma iniciativa de conscientização que começasse com as crianças – se elas aprendessem desde cedo a lidar com o problema e transmitissem para as suas famílias os conhecimentos adquiridos na escola, a batalha seria vencida.

Começou então a produção de material didático, conduzido por profissionais de educação e especialistas em meio ambiente. Surgiu o personagem Agrinho, um menino nascido no interior, pré-adolescente, curioso, estudioso, praticante de esportes e amigo de todos na escola e na comunidade. Sua irmã, Aninha, e os pais José e Dona Ana também estavam presentes já nos primeiros materiais. Com o passar dos anos, novos temas

foram sendo introduzidos, ampliando o alcance do programa e transmitindo noções de saúde e cidadania. O projeto já ajudou professores a lidarem com temas “difíceis” como consumismo, alcoolismo e sexualidade.

A aceitação do programa tem sido tão boa que além do Paraná, ele foi adotado em mais oito Estados brasileiros e no Distrito Federal. O seu reconhecimento pode ser medido pelos parceiros. Além dos sindicatos rurais; prefeituras por intermédio das secretarias municipais da Educação; Banco do Brasil; Itaipu Binacional; Instituto Ambiental do Paraná (IAP); Dow AgroScience; Regional do Trabalho e Emprego no Paraná; Procuradoria Regional do Trabalho da 9ª Região; Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região; Ministério do Trabalho e Emprego; governo do Estado do Paraná (Secretarias de Estado: da Agricultura e Abastecimento, da Educação, do Meio Ambiente e Recursos Hídricos e da Justiça e da Cidadania) apoiam o programa.

A diretora da Divisão de Ciências da Água e secretária do Programa Hidrológico Internacional da UNESCO, Blanca Jiménez-Cisneros, escreveu o prefácio dos livros do Programa Agrinho destinados aos professores. Em visita à sede do SENAR-PR em Curitiba, neste ano, ela destacou a importância do Agrinho na preparação de uma geração mais consciente e mais responsável. “É um programa muito importante pelo seu impacto na capacitação e premiação dos professores. É um dos enfoques mais efetivos por ter uma constante repercussão entre as pessoas impactando a população. É um formato recomendado pela Unesco e pelo Programa Hidrológico”, avaliou.

Como funciona

O processo inclui várias etapas, que são desenvolvidas durante o ano. Para os professores foi elaborado material pedagógico, com embasamento teórico que contribui com técnicas de trabalho no processo de aprendizagem em sala de aula. O material é desenvolvido por professores universitários especializados no tema proposto – neste ano, o tema é a energia, resumido na frase “O campo e a cidade unidos pela nossa energia”. Para os alunos são produzidas cartilhas em formato de revista e nelas são trabalhados sete temas transversais: ética, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo e temas locais. Os conteúdos devem ser integrados às disciplinas convencionais, possibilitando a relação entre os conhecimentos teóricos com a prática – questões do cotidiano e de cidadania em sala de aula.

Todos os materiais são atualizados periodicamente. Na última atualização foram produzidos dois livros de metodologia, que ficam disponíveis no site do Agrinho (www.agrinho.com.br) e podem ser baixados no formato PDF, capítulo por capítulo. No volume que trata das redes e conexões para a produção do conhecimento, por exemplo, o professor tem acesso a textos que tratam do uso de mídias no processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que propõe a transformação da sala de aula em um ambiente interativo. Os professores recebem também informações sobre o uso da internet e das redes sociais na educação, além de guias para aplicar as novas tecnologias no



contexto do ensino fundamental.

Os materiais aos alunos são encaminhados aos Núcleos de Educação da Secretaria de Estado da Educação e as secretarias municipais que se encarregam de entregá-los às escolas participantes. O material paradidático tem atividades de acordo com a série da criança (1º ao 9º ano), incluindo Educação Especial. “Um dos objetivos do nosso material é dar suporte ao professor com os temas que ele já trabalha em sala de aula. Uma das particularidades das crianças é o perfil diferenciado na era digital. Elas não conseguem aprender conteúdos isoladamente. Os professores não podem simplesmente ensinar que $2 + 2$ são 4. O aluno precisa entender o porquê desse resultado e como isso afeta a vida dele. Quando esse processo acontece é que ocorre a aprendizagem”, explica Josimeire, do SENAR-PR.

Um exemplo de como funciona esse modelo pode ser visto no material dirigido aos alunos do 4º ano, que fala sobre a história da agricultura e aborda o tema da produção de milho. O professor pode trabalhar esse conteúdo de várias formas: em matemática, tratando de percentuais; em artes, falando dos equipamentos que eram usados em cada época. Neste ano o programa está presente em 330 municípios paranaenses. São 3.443 escolas públicas e 204 particulares, envolvendo ao todo 687 mil alunos da rede pública e 31,8 mil da rede particular.

Capacitação e ação

Mas, não basta preparar e distribuir o material didático. O SENAR-PR também dá capacitação os professores nos municípios para que aproveitem todo o potencial do Agrinho. Desde 2012 os municípios e núcleos regionais de educação podem escolher entre a capacitação presencial, com quatro ou oito horas de duração, e a capacitação à distância, com carga horária de 40 horas.

Com a atualização dos materiais, em 2014, o SENAR-PR focou mais o lado técnico da capacitação nas metodologias propostas para a prática em sala de aula. Um mesmo município pode realizar mais do que uma capacitação, com base no número de professores participantes. Na capacitação presencial, as turmas devem ter entre 20 e 25 professores. Para esse trabalho, o SENAR-PR disponibiliza 25 instrutores.

Capacitado e com o material em mãos, o professor escolhe o tema de relevância para os alunos a partir da realidade local e que faça diferença para a vida dos alunos envolvendo a comunidade local. Essa escolha determina o sucesso do projeto e resulta no desenvolvimento de diferentes atividades. Um exemplo é a Escola Estadual do Campo Dois Irmãos, no município de São João, que publicou o livro “Jeitos de Viver” com as redações produzidas pelos alunos do 6º ao 9º ano, sob o tema de 2015,

que é a sustentabilidade e a conexão campo/cidade. A edição foi viabilizada com o apoio dos comerciantes locais. O livrinho contém poesias que retratam a vida na cidade e no campo, como a do estudante do 7º ano Felipe Eduardo Kunde:

Moro na cidade

Estudo no campo.

Embarco no ônibus, penso na viagem.

E admiro a paisagem!!!

O homem do campo

Sempre tem mais tempo.

Já o homem da cidade

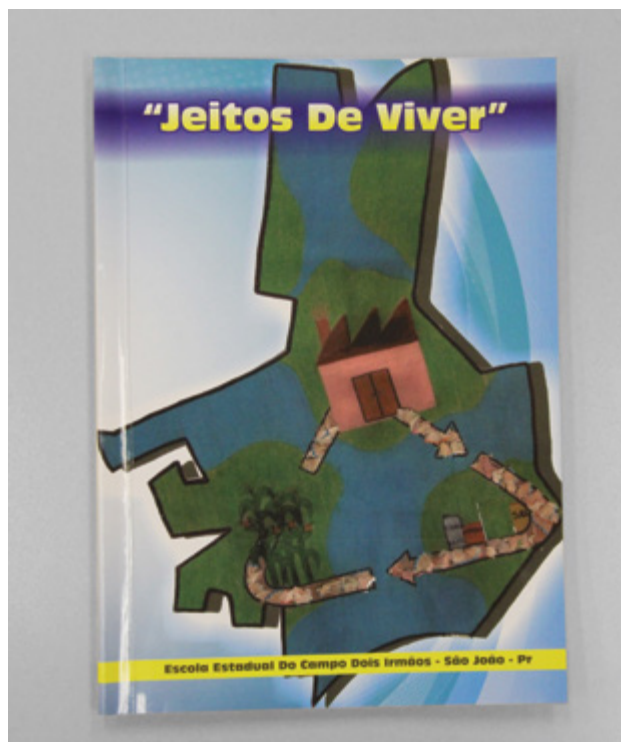
Não descansa, sempre ocupado.

Os dois são muito importantes:

O agricultor produz,

O operário transforma,

Todos fazem, e a cidade conduz.



Concurso

As experiências desenvolvidas durante o ano resultam em trabalhos que podem participar do Concurso Agrinho, promovido anualmente pelo SENAR-PR com o objetivo de reconhecer e estimular o trabalho de professores e alunos. São várias categorias: os professores concorrem como Experiência Pedagógica e os alunos do 1º ano e da Educação Especial produzem desenhos. Alunos do 2º ao 9º anos escrevem redações. Há ainda premiação para a Escola e Município Agrinho, concedidos pelo envolvimento de cada um no projeto. Em 2015, o Concurso Agrinho recebeu 5.087 trabalhos entre desenhos, redações e experiências pedagógicas que passaram pelo processo de triagem. Podem participar escolas públicas e particulares.

A primeira seleção dos materiais inscritos ocorre dentro da escola, por uma banca de avaliação. Para as escolas públicas existem duas fases de classificação, regional e estadual. A regional segue a divisão geográfica que divide o Paraná nas 11 regionais do SENAR-PR. Três avaliadores darão suas notas de acordo com os critérios estabelecidos no regulamento do concurso.

Para garantir que o peso das notas seja equivalente entre os padrões pessoais de cada avaliador, o sistema de digitação do SENAR-PR faz a média ponderada das notas de acordo com o perfil do avaliador. “Assim, todas as notas mínimas e máximas terão o mesmo peso ao longo do processo. Outro cuidado que temos é que o mesmo trabalho não seja lido duas vezes pelo mesmo avaliador”, explica a pedagoga Josimeire Grein.

Após essa avaliação o projeto também tem que passar por uma linha de corte, que é definida pela banca de acordo com o nível dos trabalhos da regional. Ao fim do processo, o projeto passa por sete avaliadores e é encaminhado para a fase estadual, em que cada regional do SENAR-PR terá dois trabalhos que irão disputar os quatro primeiros lugares da categoria Escola Pública/Experiência Pedagógica. Ao todo são selecionadas 27 experiências pedagógicas (22 da rede pública e cinco da rede particular). Na terceira avaliação, os professores classificados vêm a Curitiba apresentar e defender seu projeto para uma banca de professores e especialistas. Os quatro primeiros colocados da rede pública e o primeiro lugar da rede particular ganham um automóvel zero quilômetro. Todos os 27 professores classificados na segunda fase recebem um tablet.

Na categoria Escola Agrinho Escola Pública são selecionados 11 projetos (um de cada regional do SENAR-PR). Desse grupo é escolhido o vencedor estadual. No caso da rede particular é escolhido um único vencedor em todo o Paraná. Tanto o professor como a escola recebem um tablet cada. Os vencedores estaduais da rede particular e pública (professor e escola vencedora) recebem um notebook cada.

No caso da categoria Município Agrinho – Rede Pública – são selecionados um trabalho por regional do SENAR-PR. Os prêmios para os vencedores da etapa regional são: para a autoridade educacional do município um tablet e para o município um notebook. Na fase estadual são escolhidos os três primeiros lugares. Cada autoridade educacional recebe um notebook e o município ganha um projetor multimídia.





Alunos

Os desenhos do 1º ano e as redações de 2º a 9º ano da rede pública passam por duas avaliações da banca. Ao final da fase regional é selecionada uma redação de cada série das escolas públicas. Dessa seleção é escolhido o vencedor estadual. Alunos e professores recebem um tablet cada. O vencedor estadual ganha um notebook para o aluno e um para o professor.

Na rede particular, os desenhos do 1º ano e as redações passam só pela etapa estadual. É escolhido um trabalho por série de cada uma das 11 regionais, que também ganha um notebook, tanto para o aluno como para o professor.

Na categoria Educação Especial não há distinção de rede particular ou pública. É escolhido um 1º lugar de cada uma das 11 regionais e tanto professor como aluno recebem cada um tablet. Dos finalistas regionais sai o desenho vencedor estadual, que ganha um notebook para o professor e outro para o aluno.

Atualização dos materiais

A cada quatro anos o SENAR-PR atualiza o conteúdo de todo o seu material pedagógico e paradidático. Na última atualização, em 2014, foram desenvolvidos dois novos temas: direitos humanos e História e cultura afro-brasileira e africana, que atendem a legislação atual. Foram produzidos os volumes:

“Complexidade: redes e conexões do ser sustentável” e “Complexidades: redes e conexões na produção do conhecimento”.

A construção do processo de atualização dos materiais começa com conversas com as secretarias de educação e núcleos regionais de educação. Dois anos antes de sua finalização, os municípios são visitados pelo SENAR-PR. Em 2011/12, Josimeire Grein visitou os municípios participantes e discutiu os temas que, na visão dos técnicos do SENAR-PR da área pedagógica e dos profissionais da educação, são os mais relevantes para os alunos.

A partir deste levantamento, profissionais e especialistas de cada área do conhecimento abordado são contratados para elaboração dos conteúdos. Na sequência outra equipe é contratada, para elaboração da programação visual do material. “Foram acrescentados também ao material pedagógico metodologias inovadoras, que respondem ao novo momento de uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação nas escolas. Pretende-se com este material subsidiar os professores para trabalharem com alunos nativos digitais, esse público de jovens mais antenados”, diz a assessora técnica e coordenadora pedagógica do SENAR-PR, Patrícia Lupion Torres.

Os materiais paradidáticos produzidos para os alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental foram reformulados em 2014 e tiveram como foco o tema sustentabilidade.

As histórias e o novo visual foram elaborados por uma equipe multidisciplinar. Para este trabalho foram produzidas mais de 400 ilustrações usando técnica mista, aquarela e design contemporâneo.

Pesquisador da UEL isola novo vírus

O *Senecavirus A* tem causado muitos prejuízos à suinocultura, principalmente nos Estados Unidos



Amauri, da UEL: trabalho publicado em revista especializada da Alemanha

O meio científico paranaense acaba de dar um show – mais especificamente, a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e seu professor Amauri Alfieri. No período de janeiro a março desse ano, dedicando 10 horas de trabalho diário em laboratório, mesmo sem ter acesso às granjas de suínos, a equipe de pesquisadores liderada por Alfieri conseguiu isolar o vírus *Senecavirus A*, responsável por uma doença vesicular que atinge suínos causando lesões em animais adultos e mortalidade em neonatos (com 7 a 10 dias). O feito foi publicado na edição mais recente da *Transboundary and Emerging Diseases*, revista acadêmica especializada em doenças veterinárias emergentes publicada na Alemanha.

O *Senecavirus A* já tinha sido diagnosticado nos Estados Unidos em 2010/11/12, mas o vírus ainda não tinha sido isolado

fora da Europa. A equipe do professor Alfieri desenvolveu um sistema de diagnóstico para identificação do vírus e, no dia 20 de março de 2015, comunicou, oficialmente a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), que tinha conseguido fazer o primeiro diagnóstico da doença no Estado.

“O diagnóstico foi feito usando a técnica da Reação em Cadeia da Polimerase, precedida de Transcrição Reversa, RT-PCR, que é utilizada para a detecção do genoma do vírus. As técnicas moleculares facilitam diagnósticos rápidos, sensíveis e específicos, mas, precisávamos isolar o vírus. O isolamento do vírus em sistema de cultivo celular (células PK-15) foi obtido em agosto de 2015, fato também imediatamente comunicado à Adapar”, explica o professor.

Inicialmente o *Senecavirus A* foi chamado nos Estados Unidos de Doença Vesicular Idiopática Suína, pois não se conhecia a sua etiologia (palavra de origem grega que significa o estudo das causas das doenças). Fora dos Estados Unidos, em 2010, o pesquisador Nick Knowles, do Instituto Pirbright, na Inglaterra isolou o vírus em amostras enviadas pelos Estados Unidos.

No Brasil a diferença na forma de apresentação dessa doença foi a mortalidade súbita em neonatos (de 7 a 10 dias). Nos suínos adultos, o vírus causa doença vesicular. Alfieri afirmou ainda que os pesquisadores americanos retomaram os estudos sobre esse vírus em agosto desse ano e em setembro anunciaram casos confirmados em vários estados americanos.

Por ser uma doença vesicular, o *Senecavirus A* se confunde clinicamente com a aftosa, pois faz parte da família Picornaviridae e é considerada “primo-irmão” da febre aftosa. A comunicação de ocorrência é obrigatória à Adapar, que em seguida informa ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Essa comunicação é necessária para que seja feito um diagnóstico diferencial. Portanto, o professor recomenda que tanto produtores como técnicos e agroindústrias façam a comunicação à Adapar, para que as autoridades tomem as medidas sanitárias necessárias de acordo com a legislação.

Recomendações

Todo esse quadro foi exposto pelo próprio Alfieri na reunião da Comissão Técnica de Suinocultura, no último dia 24 de setembro, na sede da FAEP. No encontro o professor, que hoje ocupa o cargo de pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UEL, explicou como o vírus se disseminou em oito meses nas granjas

de suínos no Brasil: começou em Minas Gerais, passou para Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Para Alfieri a sanidade animal é vigilância constante e ressaltou a importância de um sistema de vigilância sanitária 24 horas nos aeroportos com funcionários treinados constantemente. “Só assim conseguiremos barrar a entrada de doenças no país. Além desse comportamento, claro os produtores também devem literalmente fechar suas granjas. Na granja devem entrar apenas pessoas que trabalham na propriedade com roupas e calçados específicos. Visitas, eu recomendo se faz em museus, teatros, etc. Nos galpões de produção só funcionários”.

Para o *Senecavirus A* não existe vacina, mas o pesquisador informou que a UEL já foi procurada por três laboratórios para o desenvolvimento do produto, e por enquanto estuda a possibilidade. “Mas caso a vacina venha ser desenvolvida seria uma vacina para se aplicar em situações específicas, pois o vírus vem como uma onda por um prazo máximo de 10 dias e depois a granja se estabiliza, retomando sua autoimunidade” pondera.

Sobre medidas preventivas e de desinfecção, a UEL está testando desinfetantes a pedido de indústrias. O professor explica que podem ser utilizados os derivados de amônia quaternária e os aldeídos de um modo geral, entre eles o glutaraldeído, tem funcionado bem. “Como o vírus é da família de picornavirus que é muito sensível à redução de pH, acredito que qualquer produto que reduza o pH terá eficiência, mas estamos em testes”.

Amauri Alfieri ocupou por 15 anos a coordenação de Pós-graduação em Ciência Animal da UEL. Esse programa tem reconhecimento de excelência internacional com nota seis na Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal em Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação.



FAEP pede recursos para seguro da soja

Em ano de El Niño e queda nos preços das commodities, recursos destinados pelo governo federal não são suficientes nem para cobrir 10% da área agrícola



O presidente da FAEP, Ágide Meneguette encaminhou, na última quinta-feira (23), um ofício para a presidente da República, diversos ministérios, órgãos oficiais, além de parlamentares paranaenses, solicitando crédito suplementar de R\$ 300 milhões para o seguro da soja e a destinação de R\$ 10 milhões que sobraram de um projeto experimental de negociação coletiva para a soja para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR).

Esta não foi a primeira vez que a Federação se posicionou em relação aos cortes drásticos que o governo federal realizou nos

recursos para o seguro rural. Dos R\$ 700 milhões prometidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para o PSR este ano, apenas R\$ 316,7 milhões foram liberados, o que não cobre nem 10% da área agrícola do país.

No caso da soja, principal cultura agrícola brasileira, existe uma modalidade de seguro com cobertura de faturamento ou receita, que inclui no cálculo de fatores indenizáveis as oscilações de perda física de produção e de preço, tendo um custo (taxa-prêmio) maior que as outras modalidades. Em um ano de grande instabilidade de preços e com ocorrência do fenômeno climático El Niño, o programa tem um papel fundamental para minimizar os riscos da sojicultura.

No entanto, na contramão da demanda dos produtores, o MAPA direcionou apenas R\$ 80 milhões para apoio ao seguro da soja. Ou seja: de cada cinco produtores que contrataram seguro de soja em 2014, apenas um

terá acesso ao programa neste ano.

Além disso, destes R\$ 80 milhões, R\$ 30 milhões foram destinados para um projeto experimental de Negociação Coletiva para a cultura da soja, com o objetivo de atender 12 listas de produtores ligados às cooperativas e associações. Porém, o edital desse projeto foi realizado com pouco prazo para a organização das listas e apenas oito listas foram arrematadas, utilizando R\$ 20 milhões. Logo, sobraram R\$ 10 milhões que agora a FAEP solicita que sejam destinados para o processo tradicional de seguro do PSR para soja.

Minor crops



No último dia 17 de setembro, produtores rurais e técnicos participaram da reunião da Comissão Técnica de Hortifruticultura na sede da FAEP, em Curitiba. A pauta do encontro teve como tema central os processos de registro para as Culturas com Suporte Fitossanitário Insuficiente (CSFI), conhecidas como minor crops. Um dos principais problemas dos produtores dessas chamadas “culturas menores” é a falta de registro de produtos para realizar o manejo e controle de pragas nas lavouras. Diante desse problema, os participantes colocaram a necessidade da liberação de novos registros para que os agricultores possam ter mais essa opção para o manejo para produzir com segurança.

A Comissão da FAEP vem trabalhando sistematicamente nessa questão, com o levantamento das demandas de produtos para as pequenas culturas, como a abobrinha e pimentão, por exemplo, consideradas de menor importância econômica. “Nós temos urgência para que ocorram novos registros para essas culturas”, destacou o produtor Paulo Carlos Cosmo, de Campo Largo.

Campanha Saúde Única

No dia do médico-veterinário, 9 de setembro, o Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV-PR) lançou a campanha com o tema Saúde Única, com o objetivo de destacar a importância da

atuação desse profissional nas saúdes humana, animal e do meio ambiente. Além de homenagear os médicos-veterinários pelo seu dia, a campanha tem a finalidade mostrar à sociedade brasileira o papel que ele exerce em todos os momentos da cadeia de produtos de origem animal. Para conferir basta acessar saudeunica.cfmv.gov.br

FAEP participa do 7ª Conseguo

A engenheira-agrônoma Carla Beck, assessora da FAEP, participou do painel “Desafios e oportunidades associados ao Cadastro Ambiental Rural (CAR)” durante a 7ª Conferência Brasileira de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização (Conseguo), realizada em São Paulo, no último dia 15.

A conferência reuniu mais de 800 pessoas, entre dirigentes do setor, especialistas nacionais e internacionais, autoridades e representantes do governo. “Estamos falando de um sistema nacional de formação obrigatória para todos os produtores rurais e que vai integrar todos os cadastros já existentes”, explicou, reiterando que, em um primeiro momento, o intuito do CAR é a regularização ambiental, e não fundiária”, explicou Carla.

O debate reuniu representantes do Ministério do Meio Ambiente, da Febraban e do mercado segurador. Francisco Gaetani, secretário executivo do Ministério, fez observações referentes às políticas ambientais sobre o uso do solo e disse acreditar que o CAR terá impacto positivo nos negócios do setor. “Precisamos reduzir as incertezas e os custos que envolvem os pilares do agronegócio no Brasil”, analisou, enfatizando que o país vive momento de uma nova governança ambiental, mais próximo às tendências globais. Já Murilo Portugal, presidente da Febraban, falou sobre a importância do CAR para auxiliar a meta brasileira de redução de emissões até 2020. “Para o setor financeiro, criar bases robustas de informações é fundamental para que os serviços agropecuários possam ser valorados adequadamente”, observou, citando ainda que três milhões de pequenas e médias propriedades ainda precisam ser cadastradas no Brasil.

IBIPORÃ



Culinária Oriental

O Sindicato Rural de Iporã realizou nos dias 25 e 26 de agosto o curso de Produção Artesanal de Alimentos – culinária oriental. Participaram 15 produtoras rurais com o instrutor Sergio Kazuo Kawakami.

UBIRATÃ



JAA

O Sindicato Rural de Ubatã realizou no dia 6 de agosto duas reuniões de sensibilização com os pais dos jovens que fazem o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). O evento foi conduzido pela instrutora Greice Alves. As aulas começaram dia 25 de agosto para uma turma no distrito de Yolanda e outra turma na sede do sindicato. No encontro com os pais esteve presente a documentadora escolar representante do governo do Estado, Chirlei Bueno Castro dos Santos.

GOIOERÊ



Colhedoras

O Sindicato Rural realizou nos dias 17 a 21 de agosto o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Colhedoras - intermediário New Holland - 40 horas. Participaram 15 trabalhadores rurais com a instrutora Silvana de Fátima Ribeiro Olzewski. O sindicato rural agradece os parceiros Agricase (CASE) e New Holland (Equagril) por cederem espaço e equipamentos para a realização das aulas práticas.

CAMPINA DA LAGOA



Corte e costura

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou no período de 3 a 19 de agosto o curso Artesanato de Tecidos - confecção básica de vestuário - corte e costura. Participaram dez produtoras rurais no Espaço Estação do Ofício com a instrutora Vilma Ferreira de Macedo Cardoso.

MARUMBI



Formatura JAA

No dia 19 de agosto foi realizada a cerimônia de formatura das turmas manhã e tarde do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) do município de Marumbi, extensão de base do Sindicato Rural de Jandaia do Sul, totalizando 38 jovens. O prefeito Marlon Pini participou da cerimônia que aconteceu no Centro Cultural de Marumbi. O instrutor das turmas foi Geremias Cilião de Araujo Junior.

PALOTINA



Culinária Oriental

O Sindicato Rural de Palotina realizou, em parceria com o Banco do Brasil, nos dias 20 e 21 de agosto o curso de Produção artesanal de alimentos - culinária oriental. Participaram 14 produtoras rurais com o instrutor Frederico Leonneo Mahnic.

PORECATU



Inclusão digital

O Sindicato Rural de Porecatu realizou nos dias 24, 25, 26, 27 e 28 de agosto o Programa de Inclusão Digital - Introdução à Informática - Word, Excel, E-Mail e Internet. As aulas aconteceram na Biblioteca Municipal de Porecatu com a participação de 10 produtores rurais e o instrutor João Horwath Filho.

CORNÉLIO PROCÓPIO



Mulheres em ação

Na última semana de agosto, o grupo "Mulheres em Ação" do Sindicato Rural de Cornélio Procópio participou de uma visita no sítio da produtora Eidi, no município de Sertaneja. As participantes viveram experiências com a criação de galinha poedeiras e plantação de laranja em loco. Com a empolgação, as mulheres ainda exploraram a criação de carneiro da propriedade e outras plantas nativas.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Diabinhos ameaçados

A Tasmânia é uma ilha ao Sul da Austrália conhecida pelos seus bichos incomuns. O mais famoso deles é o diabo da Tasmânia, um marsupial (ou seja, um animal que leva os filhotes em uma bolsa, como o canguru e o coala) carnívoro que inspirou um personagem de desenho animado conhecido pelo seu apetite. O diabo da Tasmânia verdadeiro não passa de 65 centímetros, contando a cabeça e o corpo, e é bastante agressivo quando ameaçado. Quando os primeiros colonos europeus viram toda essa fúria, ainda no século 18, diziam que parecia um pequeno diabo – daí o nome. Quando calmo, o diabo da Tasmânia até que é bonitinho, como o leitor pode ver pela foto. Mas o bicho está correndo riscos. Nos últimos dez anos, uma doença que provoca feridas na boca e cabeça do animal tem dizimado a população de diabos da Tasmânia.



Economia

Lá pelo fim do ano, o menino chega da escola e diz:

— Pai, tenho uma boa notícia pra você!

— O que é? — pergunta o pai.

— Lembra que você prometeu me dar um videogame novo se eu passasse de ano?

— Claro, filho!

— Então você se deu bem! Economizou um dinheirão...



Primeiro exército

Em 29 de setembro de 1789, o Departamento de Guerra dos Estados Unidos estabeleceu o primeiro exército regular do país. Antes disso havia o chamado Exército Continental, formado por voluntários e comandado por George Washington, que lutou contra os ingleses na Guerra da Independência.

Aquele primeiro contingente não passava de 200 homens. Hoje, as forças armadas americanas são compostas por 1,3 milhão de pessoas. É o segundo maior contingente do mundo, perdendo apenas para a China, que tem 2,2 milhões de pessoas.

Eliminatórias

As eliminatórias da Copa do Mundo de 2018 começam em outubro e, pela primeira vez, tem muita gente com medo que o Brasil não consiga ficar entre os quatro classificados (há uma vaga adicional, a ser disputada pelo quinto colocado da América e pelo sobrevivente da repescagem da Ásia). Ao todo, disputam as 32 vagas para a Copa da Rússia 2018 seleções, divididas em seis confederações continentais.



FIFA WORLD CUP
RUSSIA 2018

A vida supera a arte

A revista americana Forbes, famosa pelos seus levantamentos sobre as pessoas mais ricas do mundo, fez uma lista de quais seriam os personagens de ficção com maior patrimônio. O vencedor foi aquele que se apresenta como o pato mais rico do mundo, Tio Patinhas, com estimados US\$ 65,4 bilhões. Em segundo lugar vem o dragão Smaugh, de *O Hobbit*, com US\$ 54,1 bilhões. Completando o pódio chega Carlisle Cullen, o vampiro ricaço da saga *Crepúsculo*. Só



para comparar, o campeão da lista da vida real é liderada por Bill Gates, o chefe da Microsoft. Ele deixa Tio Patinhas no chinelo: sua fortuna é de US\$ 79,2 bilhões.

Quem inventou?

Brasileiros e americanos divergem sobre quem inventou o avião. Para eles, foram os irmãos Wilbur e Orville Wright, que teriam feito seu primeiro voo em 17 de dezembro de 1907, na Carolina do Norte, sem nenhuma testemunha. Para nós, claro, foi Alberto Santos Dumont, que levantou do solo com seu 14 Bis em frente a uma multidão de testemunhas, em Paris, na tarde de 26 de outubro de 1906. Mas eles nem são os únicos: historiadores indianos dizem que o professor de desenho Shivkar Bapuji Talpade projetou, construiu e pilotou um modelo de aeroplano em 1895, em Chowpatty, uma praia próxima a Mumbai. Na Nova Zelândia, há quem defenda que o fazendeiro e inventor Richard Pearse decolou em março de 1903 em um pequeno aparelho feito de linho e bambu (na foto acima você vê uma réplica dele). Além deles, o alemão radicado nos Estados Unidos Gustave Whitehead reivindicou ter feito voos entre 1901 e 1902 – mas nele ninguém acreditou.



Alcachofras

A alcachofra é originária do Norte da África e é cultivada na Grécia, na Sicília e no Sul da Itália há pelo menos 2 mil anos. O nome vem do árabe, e significa “planta espinhuda”. A parte que se come é a flor – que, quando aberta, adquire tons de roxo. Os italianos popularizaram seu uso culinário por todo o mundo, especialmente das conservas. A alcachofra também tem uso medicinal: costuma-se consumir o chá para combater a má digestão e o desconforto gástrico. Muita gente consome o chá para emagrecer: dizem que, ingerido antes das refeições, ele aumenta a sensação de satisfação.

O sacissauro

Cientistas identificaram até agora pouco mais de duas dezenas de dinossauros que viveram em território brasileiro no passado. Entre os maiores está o *Antarctosaurus brasiliensis*, que teria 26 metros de comprimento (na foto você vê uma perspectiva artística de como ele pode ter sido). E entre os mais curiosos está o *Sacisaurus*, que recebeu esse nome porque os paleontólogos encontraram 19 ossos da coxa direita de animais desse tipo. Da perna esquerda, nenhum ossinho...



Tomates!

Leon Sprague de Camp (1907-2000) foi um escritor de ficção científica americano com um apreço especial pelo Brasil. Sua principal obra foi uma série de histórias – incluindo contos e romances inteiros – denominada “Viagens Interplanetárias” (em português no original!). No futuro idealizado pelo autor, o Brasil tornou-se a potência dominante na Terra e comandou a conquista do espaço. Nos livros, a moeda franca usada universo afora seria o mil-réis. Quando se deparavam com algo desagradável, os personagens praguejavam, exclamando “Tomates!”



SEJA BEM-VINDA PRIMAVERA!

As árvores vestidas com seus melhores trajes,
As ruas coloridas,
As crianças brincando e se agitando nos parques.
É primavera!
O sol de uma forma misteriosa contagia e espalha alegria.
Flores, plantas, pássaros, azul do céu, tudo é alegria...
E a própria dor parece que alivia
Como num acordo deixa o sol entrar para
nos dar o bom dia.
Até a chuva do final do dia, refresca a alma e
o braço do vento nos anestesia.
Num acordo não verbalizado o frio do inverno se
vai e o verão ainda não se anuncia
Porque a primavera é mais sutil, mais sensível
como a poesia.
Alegria o coração e nos leva a dançar.
As cores são mais vivas e fazem a vida pulsar
dando na gente vontade de dançar.
Rodopia, rodopia como uma bailarina no seu grande dia.
É primavera, vamos todos compartilhar e saudar a estação
das flores que aquecem o coração.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br